



Os estandes da Feira de Informática: uma exposição boa para negócios mas com poucos atrativos para o público leigo

## Computadores

# Uma vitrine renovada

*Os fabricantes nacionais de computadores predominam na Feira Internacional de Informática*

As cerca de 400 000 pessoas que visitaram a 5.ª Feira Internacional de Informática, realizada na semana passada, no Parque Anhembi, em São Paulo, assistiram a uma singular demonstração de força. A indústria brasileira de computadores exibiu-se num momento de gala que coroa quatro anos de crescimento ao ritmo de 30%, um desempenho acompanhado a distância pelas porções menos aquinhoadas da economia nacional. A indústria cresceu e se fortaleceu. A feira, como sua vitrine, também deu saltos. Da última vez que se reuniram no Rio de Janeiro, no ano passado, os fabricantes de computadores atraíram 200 000 visitantes. Desta vez, as 300 empresas que armaram seus estandes no Anhembi representam um grupamento recorde na história dessas feiras. "Ocupamos tudo", afirma Luiz Roberto Lepelletier, 37 anos, diretor da Guazzelli Associados, empresa que organizou o evento. "Este é o momento da informática."

O instante de magia dos computadores no Brasil, é verdade, já dura quatro anos. E, enquanto nos Estados Unidos a porção

da indústria de informática que se ocupa dos computadores pessoais começa a dar mostras de cansaço, no Brasil esse segmento segue em ritmo veloz. Abrigados sob o manto protetor da reserva de mercado, que proíbe as empresas estrangeiras de comercializar ou produzir computadores de pequeno porte no país, os fabricantes brasileiros conquistam espaços cada vez mais largos. "Este ano, pela primeira vez, tivemos 80% de expositores nacionais", diz Nelson Sany Wortsman, 39 anos, presidente da feira.

Os pesos-pesados da indústria de computadores também marcaram presença. No estande da IBM — a empresa americana líder mundial da indústria de computadores —, ao lado das máquinas mais modernas que a empresa não pode comercializar no Brasil, armou-se um exuberante show de raios laser. A Xerox, que também mostrou uma supercopiadora ainda distante do mercado brasileiro, competiu com um belo espetáculo audiovisual.

Para a multidão de leigos que rodou as catracas do Anhembi, essas foram as atra-

ções maiores. Vistos de fora, os computadores podem ter tanto charme quanto os refrigeradores, com a desvantagem de não se poder abrir suas portas e examinar-lhes o conteúdo — um leigo que toque suas telas dificilmente consegue até mesmo escrever o próprio nome na tela.

**COMPUTADOR MUNDIAL** — "Encomendaram-me uma feira profissional", diz Wortsman. "Um ambiente propício às negociações." Nada mais natural para uma indústria que previa faturar este ano 2 bilhões de dólares e já vê tais estimativas saltarem para algo em torno de 2,8 bilhões de dólares. A súbita riqueza dos fabricantes de computadores brasileiros, contudo, mantém-se atrelada a delicados ligamentos políticos e comerciais. De um lado, protege-os a reserva de mercado. De outro, há uma estreita dependência tecnológica do exterior. Cerca de 500 milhões de dólares já foram gastos este ano pela indústria nacional na compra de componentes eletrônicos nos Estados Unidos. Sem saber como fazer as peças-chave dos computadores, os chips, em torno dos quais é erguida toda a arquitetura de uma máquina, a indústria nacional segue copiando modelos fabricados nos Estados Unidos. Apesar da pujança do mercado, o número de novidades lançadas na feira deste ano caiu pela metade em comparação com o ano passado.

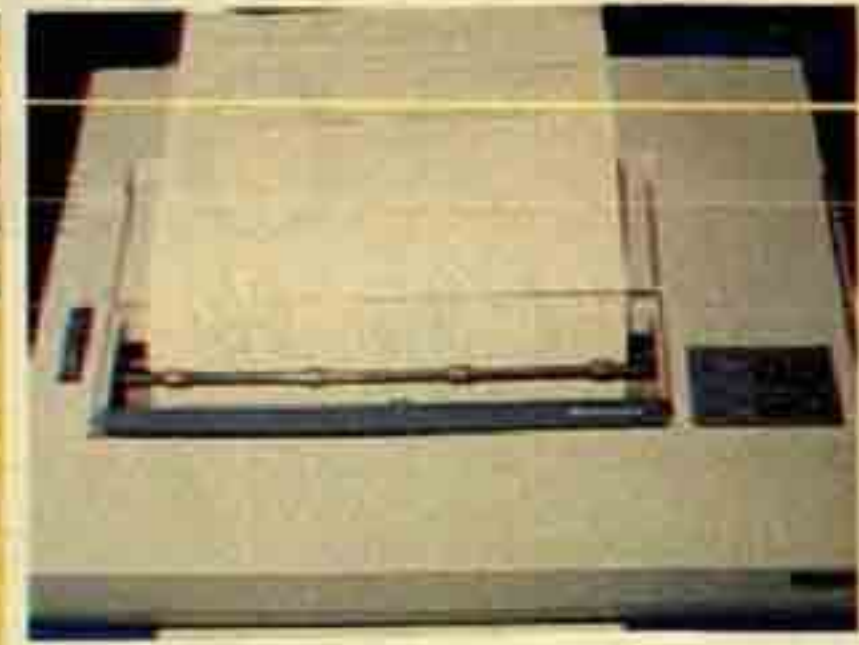
A grande surpresa ficou por conta de



**TK 500 Printer** — para o computador mais popular, a impressora mais barata



**PCPaq** — do escritório para a casa, o micro profissional que viaja no ombro do dono



**Moreninha** — a primeira impressora térmica brasileira. Um lançamento silencioso da Itautec na feira

empresas tradicionalmente distantes da indústria de informática. A Sharp e a Gradiente, que entram nas casas dos brasileiros a bordo de televisores e aparelhos de som há muitos anos, lançaram-se no mundo dos computadores. Tanto o Expert, da Gradiente, quanto o Hotbit, da Sharp, foram construídos com base em modelos da linha MSX. Trata-se de uma espécie de computador mundial que pode utilizar programas de qualquer fabricante que adote o padrão. O avanço é notável quando se sabe, por exemplo, que um modelo mais novo da família Apple não roda programas de seus primos mais velhos. Com preço em torno de 3 milhões de cruzeiros, os dois novos computadores visam a um público bem definido: os estudantes. "Este computador terá um lugar de destaque no mercado educacio-

nal", diz José Mário Fonseca de Andrade, 37 anos, gerente de marketing da Sharp.

Entre os trunfos que os fabricantes podem exibir, descontada a defasagem tecnológica com os modelos importados,

encontram-se, sem dúvida, os preços menores de seus produtos. Um aparelho do tipo Apple, que há três anos custava o equivalente a 200 ORTN, hoje vale 70 ORTN (3,75 milhões de cruzeiros). Enfeitava também o rol de novidades da feira o primeiro microcomputador portátil feito no país, o PCPAQ, da Microtec, de apenas 13 quilos. Trata-se de um computador profissional do tipo PC que pode usar a linha de programas empresariais de maior sucesso no mundo, a da IBM. Dois acessórios também foram festejados. A Itautec lançou a primeira impressora silenciosa do país e a Microdigital saiu-se com uma impressora que se adapta a toda a linha TK, os micros pessoais mais baratos do país e que ganharam agora a impressora mais barata: 2,4 milhões de cruzeiros.

## Chega ao Brasil o inimigo número 1 da IBM

Um lance de ousadia da Unitron, fabricante de computadores de São Paulo, deslocou para a arena da feira de informática o duelo que travam, há dois anos, os maiores fabricantes mundiais de microcomputadores — Apple e IBM. Desafiando os especialistas, que afirmavam ser incopiável o revolucionário modelo Macintosh, da Apple americana, a Unitron mostrou um protótipo brasileiro idêntico ao original. Uma cópia fiel, embora inacabada, capaz de repetir o mesmo tipo de operação fácil que fez a fama do Macintosh. "Tínhamos a opção de permanecer na linha Apple ou capitular diante da linha IBM", diz o engenheiro Vilmar Gaertner, 33 anos,

diretor da Unitron que liderou a autópsia do modelo americano, realizada em deztoito meses. "Preferimos arriscar." O risco é duplo. Além de assimilar uma tecnologia considerada indezassável, a Unitron deverá enfrentar em maio, quando

seu aparelho chegar às lojas, o mesmo adversário que derrotou a Apple americana: os computadores do tipo IBM. Eles venceram a disputa pelo mercado das empresas, para as quais a acessibilidade do Macintosh se confundia com a de um brinquedo. Prevenida, a Unitron trata de copiar a última versão do Macintosh, que tem maior capacidade de memória e um bom acervo de programas empresariais. A empresa acredita que subvertendo o caminho natural da criação — que parte da idéia para o produto, e não o inverso — possa também mudar o destino do Macintosh, que nasceu para o sucesso e acabou em relativo fracasso de vendas.



O Macintosh da Unitron: mistério desmontado